

# **A chamada “fala telegráfica” e sua relação com as dificuldades de encontrar palavras: uma reflexão a partir de enunciados de sujeitos afásicos não-fluentes**

**Arnaldo Rodrigues de Lima**

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, São Paulo, Brasil  
arnaldolimanetto@gmail.com

**Rosana do Carmo Novaes Pinto**

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, São Paulo, Brasil  
ronovaes@terra.com.br

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v46i2.1624>

## **Resumo**

As ausências e/ou substituições de palavras gramaticais (funcionais ou de classe fechada) são as principais características do fenômeno conhecido na literatura neuropsicológica como “fala telegráfica”. Sua produção relaciona-se diretamente ao agramatismo e, conseqüentemente, à afasia de Broca. Este artigo visa apresentar uma reflexão sobre a fala telegráfica, a partir da análise qualitativa de enunciados produzidos por sujeitos afásicos não-fluentes. Acreditamos que o estudo de fenômenos relacionados às dificuldades para encontrar palavras (Word Finding Difficulties, WFD) contribui para iluminar o funcionamento linguístico-cognitivo na afasia e nos contextos “normais”, bem como sua reorganização nos processos terapêuticos.

**Palavras-chave:** fala telegráfica; dificuldades de encontrar palavras; agramatismo.

## **The so-called “telegraphic speech” and its relation with the word finding difficulties: a reflection from the utterances of two non-fluent aphasic subjects**

### **Abstract**

The absences and/or replacements of grammatical (functional or closed class) words are the main features of the phenomenon known in the neuropsychological literature as "telegraphic speech". Its production is directly related to agrammatism and, therefore, to Broca's aphasia. This article presents a reflection on the production of telegraphic speech by means of qualitative analysis of utterances produced by non-fluent aphasic subjects. We believe that the study of phenomena related to the Word Finding Difficulties (WFD) contributes to enlighten the linguistic-cognitive functioning – in aphasia and in “normal” contexts as well as its reorganization in therapeutical processes.

**Keywords:** telegraphic speech; Word Finding Difficulties; agrammatism.

## ***A fala telegráfica no contexto das dificuldades para encontrar palavras nas afasias***

Embora as chamadas “dificuldades para encontrar palavras” ocorram com bastante frequência fora do âmbito das patologias, em estados considerados “normais”, esses fenômenos são muito mais recorrentes nos enunciados de sujeitos afásicos ou com outros distúrbios que impactam a memória, os processos perceptivos, a atenção e, sobretudo, o funcionamento linguístico. A falta da palavra desejada pode ter como

desfecho tanto a produção de parafasias (nas quais a palavra-alvo é substituída por outra, por enlaces fonológicos ou semânticos)<sup>1</sup>, ou mesmo culminar na incapacidade de produzir qualquer palavra (seja referente a um substantivo concreto ou abstrato), o que na semiologia das afasias é referido pelo termo “anomia”<sup>2</sup>. Há, ainda, situações em que o insucesso na nomeação é acompanhado da forte sensação de que se sabe qual é a palavra buscada, fenômeno referido na literatura como TOT (Tip of The Tongue) – palavras na ponta da língua<sup>3</sup>.

A maioria dos trabalhos que se ocupam desses fenômenos se detém nas classes abertas (ou de conteúdo): substantivos, adjetivos, verbos e advérbios, buscando compreender os processos semântico-lexicais subjacentes, principalmente no caso das trocas parafásicas. Os estudos neuropsicológicos e neurolinguísticos mais atuais objetivam estabelecer, ainda, a relação desses processos com as regiões cerebrais (TRANEL, 2003, 2005a, 2005b; DAMASIO, 1997), fazendo uso de técnicas de neuroimagem, com destaque para a Ressonância Magnética Funcional (NOVAES-PINTO, 2011).

Há também muitos estudos que buscam compreender a omissão e/ou a substituição de unidades linguísticas de classes fechadas – ou funcionais (MICELI, 1983; BERNDT; CARAMAZZA, 1980; BERNDT, 1990; COUDRY, 1988; NOVAES-PINTO, 1992; GREGOLIN, 1996, 1997). Essas classes compreendem os *morfemas livres*: preposições, artigos e conjunções e os *morfemas presos*: flexões verbais e nominais. Em geral, esses trabalhos relacionam-se ao fenômeno do *agramatismo*, a categoria clínica mais estudada também pelos linguistas, cuja principal característica é a *fala telegráfica* – tema central deste artigo, sobre a qual passamos a discorrer.

### **Fala telegráfica: dificuldades com as *palavras funcionais* e a relação com o fenômeno do *agramatismo***

Para iniciarmos esta reflexão, partimos de uma afirmação esclarecedora de Ilari (2015), a respeito da natureza das palavras funcionais, já que a classificação do léxico está, geralmente, pautada pela distinção entre as classes abertas (ou de conteúdo) e as classes fechadas (funcionais).

As classes “abertas” [...] são aquelas que ganham novos itens o tempo todo, servindo de exemplo a facilidade com que a língua nos últimos anos, atendendo a necessidades tecnológicas ou outras, assimilou substantivos como “rolezinho”, verbos como “deletar e adjetivos como “plugado”. As classes fechadas [...] denominam-se “fechadas” porque nelas a formação de novos itens é mais lenta [...] e porque contêm séries de poucos elementos (como é o caso dos artigos, que, uma vez descontada a flexão de gênero e número, se reduzem a dois ou três). [...] Recuperando a afirmação que já estava em Aristóteles, há uma diferença óbvia de função entre as palavras de classe aberta e de

---

<sup>1</sup> Sobre a produção de parafasias no contexto das afasias, ver Novaes-Pinto e Souza-Cruz (2012) e Souza-Cruz (2013, 2015).

<sup>2</sup> Vimos questionando o termo “anomia” porque, em geral, apenas os processos de *produção* são considerados nos estudos neuropsicológicos, ou seja, sua ocorrência na fala. Sujeitos afásicos com dificuldades para nomear, entretanto, são em geral capazes de reconhecer o nome de um objeto (concreto ou abstrato) na produção do seu interlocutor. Se há *compreensão* do nome, não se pode afirmar que o sujeito *perdeu* a capacidade de nomear; que não atribua uma relação de sentido entre significado e significante.

<sup>3</sup> Sobre a produção de TOTs, indicamos os trabalhos de Oliveira (2013, 2015).

classe fechada: as primeiras têm conteúdo descritivo que remete à realidade extralinguística, ao mundo; as segundas funcionam como “instrumentos gramaticais”, isto é, como utensílios que estruturam as sentenças da língua (ILARI, 2015, p. 9).

Julgamos importante ressaltar que o autor considera, em sua reflexão, o *trabalho* que os falantes operam sobre a língua, no processo contínuo de seu desenvolvimento. Todas as escolhas, portanto, são significativas.

A fala telegráfica, segundo Goodglass e Menn (1985, p. 2) foi descrita por Deleuze, em 1819, como “uma característica marcante na fala de certos pacientes afásicos”, em geral aqueles acometidos por episódios neurológicos em áreas anteriores do cérebro (que envolvem regiões motoras, mais especificamente a área de Broca), resultando em uma produção laboriosa da fala. A descrição da fala telegráfica confunde-se, ainda hoje, com a própria definição de agramatismo, como veremos adiante. Primeiramente, apresentamos os principais “sinais” ou “sintomas” presentes na fala telegráfica, de acordo com Tissot et al. (1973 apud GOODGLASS; MENN, 1985, p. 2).

- ✓ o *apagamento* de palavras funcionais no discurso, isto é, de conjunções, preposições, artigos, pronomes, verbos auxiliares e cópulas (com exceção das conjunções *e* e *porque*);
- ✓ a predominância de substantivos, em detrimento dos verbos, em algumas falas agramáticas;
- ✓ a *perda* da flexão verbal, substituída pela forma nominal do verbo;
- ✓ a *perda* de concordância de pessoa, número e gênero, mais notadamente em línguas flexionais.

A análise dos dados do agramatismo em inglês, nos primeiros estudos dessa categoria, levou grande parte dos pesquisadores a conceber o fenômeno em termos de perdas e, conseqüentemente, como *déficit sintático central*. A observação de casos de agramatismo em línguas com propriedades flexionais como, por exemplo, hebraico<sup>4</sup>, italiano e francês, foi crucial para enfraquecer tal teoria (NOVAES-PINTO, 1999).

Segundo Grodzinsky (1990), foi Kussmaul, em 1876, quem criou o termo “*akataphasia*” para se referir à incapacidade de afásicos para produzir palavras gramaticais e construir frases lógicas e sintaticamente bem organizadas. A partir de então, desenvolveu-se uma vasta discussão no campo da afasiologia sobre as questões envolvidas na dificuldade de formular *sentenças*, por sujeitos afásicos. Alguns anos depois, em 1898, Pitres propôs que a afasia resulta de um problema de *memória* envolvida na construção de frases (LIMA, 2016).

Pick (1913) cunhou o termo *agramatismo*, após se interessar pela falta das palavras funcionais, que entendia como “defeitos” na formação das frases. Baseou-se nos postulados de Jackson (1874) que, por sua vez, acreditava que a linguagem se organizava por meio de *proposições*. Para este autor, os sentidos das proposições não estavam centrados nas palavras que as compõem, mas nas relações que essas palavras estabelecem

---

<sup>4</sup> O trabalho de Grodzinsky (1984) aponta para o fato de que em hebraico não é possível omitir os morfemas gramaticais, o que significaria gerar não-palavras na língua. Em vez de omissões, os sujeitos apresentam substituições dos morfemas gramaticais.

entre si, em uma frase. Por isso, segundo ele, a *sentença* deveria ser vista como a unidade de análise nas afasias (LIMA, 2016).

A maioria dos estudos sobre o agramatismo foi realizada a partir da década de 80 do século XX, sobretudo por gerativistas que buscavam corroborar a existência dos princípios universais da linguagem, valendo-se também de dados de diferentes línguas em estados patológicos (GRODZINSKY, 1984; GREGOLIN, 1996, 1997).

Os enunciados dos sujeitos afásicos passaram a ser referidos como *fala telegráfica*, pela sua semelhança com as estruturas elípticas usadas para a economia de palavras em um telegrama (GOODGLASS, 1993; NOVAES-PINTO, 1992, 1999; KLEPPA, 2008)<sup>5</sup>. Embora hoje, na era das novas tecnologias digitais, ninguém mais se utilize dessa forma de comunicação (mensagens por telegramas), a terminologia se mantém para se referir aos enunciados produzidos pelos afásicos, com as características anteriormente descritas (LIMA, 2016).

A seguir, apresentamos algumas definições de agramatismo que dão visibilidade à sua relação com a fala telegráfica<sup>6</sup>:

- (1) **The deletion of function words in discourse**, that is, **the deletion of conjunctions, prepositions, articles, pronouns, and auxiliary verbs, and copulas** (notable exceptions to this are the conjunctions *and* and *because*) 2. The predominance of nouns, at the expense of verbs, in some forms of agrammatic speech. 3. **The loss of verb inflection**, with substitution of the infinitive for finite verb forms. 4. **Loss of agreement** of person, number, and gender, most notable in inflected languages (TISSOT et al., 1973 apud GOODGLASS; MENN, 1985, p. 2)<sup>7</sup>.
- (2) Agrammatism is hard to define other than by **the essential fact** which the patient's speech makes evident: **reduction of the sentence to its skeleton, relative abundance of substantives, almost invariable use of verbs in the infinitive, with the suppression of the small words (the function words of a language)** and loss of grammatical differentiation of gender, number (ALAJOUANINE, 1968, p. 84 apud GOODGLASS; MENN, 1985, p. 4)<sup>8</sup>.

---

<sup>5</sup> Kleppa (2008), autora que buscou entender o funcionamento das preposições ligadas a verbos na fala de sujeitos agramáticos critica o uso do termo *fala telegráfica*, por considerar que as estruturas que os sujeitos afásicos utilizam não se assemelham ao modo como um telegrama é escrito por sujeitos adultos (em contextos não patológicos). Outros autores também não vêm na metáfora uma correspondência entre a produção afásica e a escrita de um telegrama (TESAK; DITTMANN, 1991; NIEMI et al., 1992; MENN; OBLER, 1990; TESAK; NIEMI, 1997). A autora propõe o termo *fala reduzida*, por sua estrutura muito semelhante às *small clauses* observadas ao longo do período de aquisição de linguagem pelas crianças.

<sup>6</sup> Todos os grifos nessas citações são nossos, para destacar as afirmações mais relevantes para a argumentação e são extraídos do trabalho, em desenvolvimento, de Lima (2016).

<sup>7</sup> O apagamento das palavras funcionais no discurso, isto é, o apagamento de conjunções, preposições, artigos, pronomes, verbos auxiliares e cópulas (com notável exceção para as conjunções “e” e “porque”). Predomínio de substantivos em detrimento de verbos em algumas formas de fala agramática. A perda de flexão verbal, com a substituição da forma conjugada pela forma infinitiva dos verbos. Perda da concordância de pessoa, número e gênero, característica mais notável em línguas flexionais.

<sup>8</sup> É difícil definir o agramatismo para além de explicitar exatamente o que a fala dos pacientes torna evidente: a redução da sentença ao seu esqueleto, a abundância de substantivos, o uso quase invariável de verbos na forma infinitiva, com a supressão das “*pequenas palavras*” (as palavras funcionais de uma língua) e a perda de distinção gramatical de gênero e número.

- (3) Paul Broca (1961) first described the prototype of **nonfluent aphasia** characterized by **impaired speech production, omission or misuse of inflections and other closed-class morphemes** and relatively intact language comprehension. Studies in the 1970s showed that Broca's area i.e. the inferior frontal gyrus of the language dominant hemisphere, subserves the computation of grammar at both the receptive and expressive levels (VANDENBORRE; MARIEN, 2014, p. 18)<sup>9</sup>.
- (4) Damage to the left inferior frontal lobe frequently results in a pattern of performance characterized by agrammatic production and asyntactic comprehension so called Broca's aphasia. **Agrammatic speech is characterized by the omission or misuse of free and bound grammatical morphemes and the tendency to omit or nominalize verbs, resulting in incomplete, fragmented sentences** [...] there is general agreement that a morphosyntactic processing deficit is one of the major components in the complex disorder clinically classified as Broca's aphasia. This view is based on the assumption that one of the functions of the left inferior frontal lobe is to carry out morphosyntactic operations in sentence processing (BALAGUER et al., 2004, p. 212)<sup>10</sup>.

É possível observar, nas definições 1 e 2, que *agramatismo* se confunde com *fala telegráfica* e é descrito, predominantemente, com relação às dificuldades com as palavras funcionais, com uma relativa preservação das classes abertas. Já nas definições 3 e 4, os autores buscam também estabelecer uma relação com as áreas cerebrais lesadas, sobretudo com a área de Broca. Em 4, os autores concebem o agramatismo como um déficit no processamento morfossintático. Em geral, entende-se que há dificuldades com o funcionamento gramatical ou lógico-gramatical, questão que retomaremos mais adiante em nossa discussão.

Pick (1913) postulou um modelo de produção de sentença em que, de um lado, estava a representação sintática de uma ideia e, de outro, as formas das palavras. Afirmou que a ordem das palavras nas sentenças construídas pelos sujeitos agramáticos estava preservada. Para o autor, os enunciados agramáticos são mais curtos e sintaticamente simplificados, o que requer menos esforço na sua produção. Pick concluiu que esses sujeitos não tinham problema algum com o raciocínio lógico e postulou uma explicação psicológica para o fenômeno, segundo a qual a formulação esquemática de uma sentença precede a seleção dos itens lexicais e funcionais. Nesse esquema, as palavras de classes abertas seriam selecionadas primeiro e as palavras de classes fechadas apenas numa etapa posterior. Nas palavras do autor,

---

<sup>9</sup> Paul Broca (1961) primeiramente descreveu o protótipo da afasia não-fluente que é caracterizada por uma produção verbal impactada, omissão ou substituição de morfemas flexionais, dentre outros morfemas de classes fechadas e uma compreensão (da língua) relativamente intacta. Estudos na década de 70 mostraram que a área de Broca – o giro frontal inferior do hemisfério dominante da linguagem – é responsável pelo processamento gramatical tanto no nível da compreensão como no nível da produção.

<sup>10</sup> Lesões no lobo frontal inferior esquerdo frequentemente resultam em um padrão de desempenho caracterizado pela produção agramática e por uma compreensão assintática, a chamada Afasia de Broca. A fala agramática é caracterizada pela omissão ou substituição de morfemas gramaticais livres ou presos e pela tendência de omitir ou de nominalizar os verbos, gerando sentenças incompletas e fragmentadas [...] há um consenso de que o déficit do processamento morfossintático é um dos principais componentes nessa patologia complexa, classificada como afasia de Broca. Essa concepção é baseada no postulado que uma das funções do lobo frontal inferior esquerdo é a de executar operações morfossintáticas no processamento de sentenças.

[...] the schematic formulation of the sentence precedes the choice of words, as well as the syntactic formulation and the portion of the grammatical functions that corresponds to it, is shown by the fact that the meaning of a single word, whatever it may be, is determined only by the position it takes or interacts with; therefore the mental framework should in principle to be ready in a grammatical sense as well: before the choice of words ensues, the plan has to be determined before the different pieces are put together. (FRIEDERICI, 1994, p. 267)<sup>11</sup>.

Essa formulação de Pick rompeu, assim, com crenças clássicas e bem difundidas que concebiam o agramatismo como resultado de um *déficit cognitivo* causado por uma lesão cerebral. Afirmou que o fenômeno deveria ser entendido como *Notsprache* (do alemão, *fala emergencial*) ou, em outras palavras, como um recurso adaptativo em função da dificuldade com as palavras gramaticais. O termo *fala telegráfica*<sup>12</sup> foi cunhado, assim, como uma metáfora para se referir a uma expressão *econômica e mais simplificada*, principal característica do gênero textual *telegrama* (LIMA, 2016).

Segundo Thompson e Bastiaanse (2012, p. 2, itálico do autor, negrito nosso), Pick sugeriu que a gramática mais empobrecida dos agramáticos seria “a regression from *conventional syntax* to the *syntax of thoughts* and the typical **telegraphic speech was the consequence of an economy principle** of the damaged cerebral organ resulting in omission of reductant elements [...]”<sup>13</sup>. Nesse sentido, suas ideias podem ser concebidas como predecessoras da *Teoria da Adaptação* formulada por Kolk (1990).

O termo *agramatismo* surgiu, portanto, de uma necessidade de contrapor a ideia de que os sujeitos afásicos perdem a capacidade de formular sentenças logicamente, se contrapondo ao termo *akataphasia* (KUSSMAUL, 1877). Segundo Pick, a dificuldade se dava ao nível da seleção lexical, como mais tarde também propôs Bradley (1985). Os sujeitos afásicos produziram enunciados de *estilo telegráfico* para driblar suas dificuldades, ou seja, a fala telegráfica seria o resultado de uma operação do afásico com propósitos comunicativos.

Essa concepção não é consensual. Jakobson (1954), autor que inaugurou uma discussão sobre as afásias no campo dos estudos linguísticos, acredita que haja uma causa linguística para a produção da fala agramática. Não se trataria apenas de uma estratégia de adaptação do sujeito afásico. Goodglass e Menn (1985, p. 5-6) sintetizam como Jakobson compreende esses fenômenos:

---

<sup>11</sup> A formulação esquemática da sentença precede a seleção de palavras, assim como a formulação sintática e elementos de função gramatical que correspondem a ela. Isso se dá pelo fato de que o significado de uma palavra isolada, qualquer que seja, é determinado apenas pela sua posição ou pela interação que essa palavra estabelece. Portanto, o *framework* mental, em princípio, também, deve estar gramaticalmente preparado antes que a seleção de palavras aconteça, o plano tem que estar previamente determinado, antes que os fragmentos sejam colocados juntos.

<sup>12</sup> Termo originário do alemão *Telegrammstilagrammatismus*. Como o alemão é uma língua aglutinadora, há três palavras na formação desse termo: *Telegramm* (telegrama), *stil* (estilo) e *agrammatismus* (agramatismo). Corresponderia, então, em português, à *fala de estilo telegráfico*, termo defendido por Novaes-Pinto (1999) para se referir aos enunciados dos sujeitos de sua pesquisa.

<sup>13</sup> Uma regressão da *sintaxe convencional* para a *sintaxe do pensamento* e a típica fala telegráfica era a consequência do princípio de economia em decorrência de uma lesão cerebral resultando na omissão de elementos redundantes.

Jakobson's interpretation goes beyond the mere renaming of the phenomena with a term derived from a linguistic construct. Where many authors had seen the agrammatic form as the patient's adaptation to the great effort involved in speaking, Jakobson felt that there was a basic change in the character of the patient's treatment of the relationship of the terms composing a sentence. For the agrammatic speaker, not only syntactic relationships dissolved by disappearance of the morphemes signaling these relationships, but the lexical elements were nominalized<sup>14</sup>.

Novaes-Pinto (2012) entende que essa concepção de Jakobson, forjada no interior de uma teoria linguística, não seja incompatível ou excludente em relação às ideias desenvolvidas por Pick (1913), Kolk et al. (1985) e, mais recentemente, por Akhutina (2003).

Nespolous (1997) questiona se a manifestação de *superfície* – a chamada *fala telegráfica* – caracterizada pela aparente redução de complexidade sintática, esconderia um *verdadeiro déficit sintático*. Postulou, a esse respeito, duas hipóteses: (i) o afásico não seria capaz de construir estruturas sintáticas mais complexas no discurso ou (ii) estaria recorrendo a uma estratégia de adaptação para evitar as dificuldades de produção de um enunciado, principalmente devido às alterações articulatórias<sup>15</sup>.

Essa hipótese também é defendida por Kolk et al. (1985), que desenvolveu a *Teoria da Adaptação*<sup>16</sup>. O maior problema, de acordo com Nespolous (1997), é dar a essas manifestações de superfície um único “rótulo”, o que não permite resolver o problema de sua interpretação. Para este autor, a *sintomatologia*, longe de ser a consequência direta de um déficit qualquer, pode resultar da forma como o sujeito lida com suas dificuldades. A competência dos sujeitos “agramáticos” para selecionar os recursos lexicais e combiná-los em uma ordem adequada, com objetivos comunicativos, levou Kolk et al. (1985) a sugerirem que se trata, de fato, de um “supergramático” (NOVAES-PINTO, 1992, 1997, 1999).

Uma das principais questões, aprofundada por Novaes-Pinto (1992, 1997, 1999), a respeito do agramatismo e da produção da fala telegráfica, é a da grande variação existente entre os sujeitos “agramáticos” e mais ainda a variação nos enunciados de um mesmo sujeito, em diferentes contextos discursivos. Sobre esta questão, Miceli et al. (1989)<sup>17</sup> afirmam que alguns agramáticos consistentemente omitem palavras funcionais e morfemas flexionais, enquanto outros o fazem sistematicamente. Segundo os autores, não há um padrão para que se possa compreender os mecanismos subjacentes, o que os levou a afirmar que as categorias clínicas – como agramatismo, jargonafasia etc. – não contribuem para o estabelecimento de modelos neuropsicológicos nem para os processos

---

<sup>14</sup> A interpretação de Jakobson vai além de uma mera renomeação do fenômeno com um termo derivado da teoria linguística. Enquanto muitos autores viam as formas agramáticas como uma adaptação dos pacientes devido ao grande esforço demandado em falar, Jakobson apontou que havia uma mudança no modo do tratamento dos pacientes com a relação dos termos que constroem uma sentença. Para o agramático, não apenas as relações sintáticas são comprometidas pelo desaparecimento de morfemas que sinalizam essas relações, mas, também, os elementos lexicais foram nominalizados.

<sup>15</sup> Também Kolk (1985) defende que a fala telegráfica é uma estratégia de adaptação de alguns sujeitos com agramatismo, visando driblar suas dificuldades comunicativas.

<sup>16</sup> A respeito da Teoria da Adaptação de Kolk, ver o estudo de Kleppa (2008).

<sup>17</sup> Chamo a atenção para o fato de que a conclusão de Miceli et al. (1983) ocorreu após os autores terem observado os resultados obtidos pela aplicação de testes metalinguísticos a *vinte* sujeitos agramáticos. Contraponho esse fato à afirmação de Nespolous (já tratada anteriormente), segundo a qual esse fenômeno é raro: “apesar da baixa frequência deste tipo de afasia...”.

normais, nem no domínio das patologias (NOVAES-PINTO, 1992, 1999). A variação, assim, representa um grande problema para modelos teóricos que visam a objetividade. Um dos grandes desafios da neurolinguística, a nosso ver, é o de compreender a natureza das variações<sup>18</sup> intra e inter-indivíduos (NOVAES-PINTO, 1992, 1999).

Damasio (1997), em um breve artigo no qual sintetiza o avanço nas pesquisas na *década do cérebro*, ressalta que as descobertas não podem ainda explicar a maior parte das variações individuais entre sujeitos e as variações observadas na produção de um mesmo sujeito, nem sua relação com os fatores sociais, históricos e culturais que são constitutivos da linguagem e da cognição humana. Para Novaes-Pinto (2011), isso se deve a um descompasso existente entre uma abordagem cultural, histórica, social – imprescindível para tratar de fenômenos como a linguagem humana – com a adoção de metodologias científicas de cunho quantitativo e estatístico que descartam das análises justamente o que é individual, subjetivo e singular, assim como desconsideram o contexto pragmático-discursivo da produção dos enunciados.

Os morfemas flexionais e verbais nas línguas naturais são elementos dêiticos, que têm sua referência determinada discursivamente. A esse respeito, Nespoulous (1997) afirma que a Pragmática é uma área da Linguística que pode ajudar na compreensão dos fenômenos afasiológicos como o agramatismo:

A Pragmática mostra a emergência de toda a riqueza e complexidade da linguagem. Nós achamos que é chegada a hora de colocar a Gramática em seu devido lugar sem diminuir sua importância; em outras palavras, sem colocar a Gramática no centro do quadro. O principal enfoque e a principal tarefa são o de recolocar a Gramática no ato de fala (NESPOLOUS, 1997, p. 1).

Segundo o autor, as vantagens dessa abordagem são indispensáveis para ultrapassar os limites das análises estritamente formais nas ciências da linguagem, como se vê na seguinte passagem, que para nós representa um avanço na direção do estudo discursivo dos enunciados afásicos:

Sem a menor dúvida, as implicações de tal abertura serão enormes, tanto o linguista que deverá aprender a administrar o “ruído” que a pragmática colocará em suas caracterizações formais, como para o psicolinguista que deverá aprender a tratar um novo tipo de variabilidade no seio dos paradigmas experimentais. Também o será para o neuropsicolinguista, que deverá deixar de considerar que a zona da linguagem encontra-se exclusivamente no hemisfério esquerdo, na medida em que este não maneja mais do que a Gramática. Resta a nós contribuir para a continuação do caminho parcialmente explorado que mostra a diversificação de avenidas da investigação que constituirão a afasiologia do século XXI (NESPOLOUS, 1997, p. 4-5).

---

<sup>18</sup> A variação entre os casos deriva, também, segundo Novaes-Pinto (1992, 1997, 1999) do tipo de tarefa proposta em situações de testes metalinguísticos. Um outro fator geralmente desconsiderado diz respeito ao fato de que muitos sujeitos não dominam a norma padrão da língua, na qual os testes são formulados. Em algumas variedades, a distância entre o dialeto falado e a língua padrão é ainda maior. Os morfemas flexionais, principalmente aqueles que marcam certas redundâncias nas estruturas da língua padrão, como os de número e de pessoa, não são realizados pelos falantes em muitas variedades.

## Dados de sujeitos com fala telegráfica em episódios dialógicos

Para ilustrar as dificuldades de afásicos com a produção das palavras, sobretudo as funcionais, e também para que se possa observar como eles driblam essas dificuldades nos contextos interacionais, traremos dados dialógicos de três sujeitos<sup>19</sup>.

Iniciamos com um dado de OJ<sup>20</sup>, brasileiro, solteiro, contador aposentado, com ensino médio completo, à época da pesquisa com 56 anos de idade. No episódio, OJ foi solicitado a contar ao grupo um fato ocorrido durante as férias de 2007, quando sofreu um enfarte.

**OJ:** *Janeiro. Catorze. Seis horas.*

**Irn:** Seis da manhã ou da tarde?

**OJ:** *Tarde.*

**Irn:** E aí, o que aconteceu?

**OJ:** *Dor. Dor. Muita dor!*

**Irn:** Dor onde?

**OJ:** *Peito. Frio. Muito frio. Hospital. São Sebastião do Paraíso.*

**Irn:** Quem te socorreu?

**OJ:** *Maria José.*

[*Mostra cicatriz no braço e no peito*]

**Irn:** E aí? Precisou fazer cirurgia?

**OJ:** *Amanhã. Ribeirão Preto.*

**Irn:** Ah, no dia seguinte, foi para o Hospital em Ribeirão.

**OJ:** *Isso.*

Observamos, no diálogo, as dificuldades de OJ com as palavras funcionais e também com a produção de verbos, muito provavelmente porque estes demandam a produção simultânea de morfemas flexionais. OJ produz apenas poucas palavras de classes abertas, predominantemente substantivos. A significação se dá numa relação de complementaridade com a interlocutora Irn, que já sabia previamente do que lhe havia sucedido.

OJ se utiliza adequadamente de algumas palavras de classes abertas com função gramatical; por exemplo, produz *amanhã*, para encadear a narrativa, significando *no dia seguinte*. Para marcar aspectos temporais, OJ repete os advérbios<sup>21</sup>. Não há uma única palavra funcional em seus enunciados. A ordem das palavras, entretanto, está adequada e organizada segundo a estrutura canônica da língua. Segundo Kolk et al. (1985), isso indica que o sujeito leva em conta as coordenadas pragmático-discursivas para se fazer compreender.

O segundo dado que trazemos foi produzido em um episódio dialógico com TR, uma senhora afásica, atualmente com 61 anos de idade, brasileira, casada, auxiliar de enfermagem aposentada, com ensino fundamental completo. TR tornou-se afásica em

---

<sup>19</sup> As atividades são vídeo-filmadas e registradas em diário. As transcrições são discursivas e adaptadas do projeto NURC (Norma Urbano Culta).

<sup>20</sup> Dado e análise extraídos do trabalho de Novaes-Pinto (2012).

<sup>21</sup> Em outros dados de sua produção, observamos que, para falar de algo que aconteceu há bastante tempo, ele diz *antes antes*. Se foi há muito mais tempo, diz *antes antes antes*. Faz um gesto com a mão para trás, sobre o ombro esquerdo, indicando que o tempo já passou. O mesmo ocorre com *depois*, que é compreendido a partir da realização de um gesto circular, para frente, com o dedo indicador. Para referir-se ao tempo presente, produz “agora”.

consequência de um AVCi em setembro de 1998, que provocou uma extensa lesão frontoparietal à esquerda. Ela apresenta também hemiparesia à direita<sup>22</sup> e uma afasia de produção muito severa, com enunciados às vezes reduzidos a *um, dois* ou *arroz, feijão, batata*. Uma de suas grandes dificuldades é a de selecionar palavras, tanto de classes abertas como de palavras *funcionais*.

**TR:** *Parabéns pra você...* [cantarolando o primeiro verso da canção]

**Irn:** *Ah... O aniversário do M.*

**TR:** Não! [Faz sinal chamando a atenção, com o dedo indicador, olhando fixamente para sua interlocutora]

**Irn:** Hoje, 4 de outubro!

**TR:** Isso! [e faz o sinal da cruz]

**Irn:** Foi à igreja? Missa? Domingo?

**TR:** OR [nome do marido]... Cachorro!!

**Irn:** Ah, já sei... Foi à missa para abençoar os animais. Dia de São Francisco!

**TR:** Isso! Isso!

Ao final da sessão do CCA, perguntamos a TR o que tinha feito na semana anterior. É importante mencionar que havíamos acabado de comemorar naquele dia o aniversário de um aluno. Ela produziu uma sequência de expressões verbais e não verbais que buscamos descrever a seguir. TR primeiramente começou a cantar, no tom adequado, o início do “Parabéns pra você” – o que imediatamente nos fez pensar que ela estivesse se referindo ao aluno aniversariante. Então Irn disse: *Sim, hoje é o aniversário do Imv*. TR concordou com a cabeça, mas logo depois fez um sinal com o dedo indicador, levantando-o, lentamente, parando-o em frente ao nariz, e dizendo: *É... mas...* Em seguida, olhou fixamente para Irn e fez o sinal da cruz – uma expressão não-verbal cristalizada que remete ao campo semântico da fé cristã. Irn disse: *igreja... missa...* Ao ouvir a palavra *missa*, TR arregalou os olhos e imediatamente apontou para Irn, como se estivesse “selecionando” aquela palavra do enunciado da interlocutora. Logo em seguida, complementou: *OR... cachorro*. Apesar de telegráfico, seu enunciado ficou absolutamente claro para Irn: *Já sei, dona TR... Ah, já sei... Foi à missa para abençoar os animais. Dia de São Francisco!*, ao que TR respondeu, feliz por ter sido compreendida: *Isso! Isso! Um... dois!*

Se nós não havíamos mencionado, naquela sessão, que era dia de São Francisco, como TR poderia saber (com segurança) que Irn compreenderia seu *querer-dizer* (cf. BAKHTIN, 1997)? Muito provavelmente porque havia, entre Irn e TR, memórias compartilhadas por meio de narrativas construídas anteriormente. No ano anterior, na sessão do CCA, o tópico discursivo girava em torno de S. Francisco, protetor dos animais, cujo dia é 4 de outubro, aniversário de um participante do grupo, Imv, pelo qual TR tem muito carinho. Irn havia dito ao grupo que colecionava imagens do santo, que já havia estado em Assis e mostrou fotos da cidade. Segundo Luria (1986), é esse tipo de “enlace”, principalmente de natureza afetiva, que vai formando as redes semânticas e mnemônicas mentais. TR, como em um jogo de detetive, foi nos levando a interpretar suas pistas, por meio de um processo inferencial muito rico e complexo. Seus enunciados são especialmente interessantes porque sua fala de estilo telegráfico é composta por signos verbais e não-verbais. A seleção adequada desses signos e sua combinação, embora

---

<sup>22</sup> Comprometimento motor do membro superior e do membro inferior do lado direito, devido à lesão contralateral no hemisfério esquerdo.

prescinda de elementos funcionais, têm uma sintaxe – linguística e cognitiva, tanto que é compreendida por sua interlocutora.

Como último dado deste artigo, trazemos um episódio com BS, um jovem afásico atualmente com 28 anos de idade, brasileiro, solteiro, auxiliar de compras. Ele sofreu um AVCi em outubro de 2013, episódio que provocou lesão nos territórios superficial e profundo da artéria cerebral média esquerda. Nessa época, cursava a faculdade de Logística<sup>23</sup>. Desde então, apresenta um quadro de afasia predominantemente motora, com a produção de enunciados de estilo telegráfico, parafasias fonético-fonológicas e semânticas.

Irn: Como é a sua rotina? Fala pra mim, como é seu dia normal?

**BS:** Eu... eu... **toma...**

Irn: Que horas você acorda mais ou menos?

**BS:** Oito... oito e pouco... aí...

Irn: Fala pra mim assim... usando verbo. Tenta falar pra mim a frase. Não só *oito e pouco*... Como é a sua rotina. Fala pra mim com os verbos, assim: Eu...

**BS:** Eu vou... Não! Eu... Ai, não sei!

Irn: Eu levanto...

**BS:** Eu **levantou**.

Irn: Eu levanto...

**BS:** Eu levanto... ah... oito, oito e meia. Aí depois eu vou... é:... **toma...** é: aí...

Irn: Você tinha falado antes *banho*.

**BS:** Não, não.

Irn: Você falou que levanta às oito e depois...

**BS:** É... aí... é...

Imp: Você pode usar gesto pra mostrar.

**BS:** [faz gesto de escovar os dentes]

Imp: Ah... escova os dentes.

**BS:** **Escova** os dentes! Aí. é... aí... a mãe toma... é... a manhã... toma o café de manhã e exercícios.

Irn: Onde você faz os exercícios?

**BS:** Eu mesmo!

A ordem dos elementos produzidos, em todos esses enunciados de BS, é muito relevante no processo de significação e nos remete ao que foi afirmado por Pick (1913) e por Kolk et al. (1995), quanto ao fato de um enunciado ser produzido a partir de uma *sintaxe do pensamento* (ou de um *querer-dizer*, cf. BAKHTIN, 1997), antes de se transformar em uma sintaxe linguística<sup>24</sup>. BS compreende perfeitamente as perguntas que

---

<sup>23</sup> BS trabalhava em um laboratório de exames clínicos, sendo responsável pelo setor de compras, e fazia o curso superior de Logística em uma universidade privada na região de Campinas. Sempre foi leitor voraz de livros de ficção e, à época de ocorrência do AVC, estava lendo *Anjos e Demônios*, de Dan Brown. Já havia lido outros romances do mesmo autor e, também, diversas estórias sobre Sherlock Holmes. Além disso, o sujeito lia autores brasileiros consagrados, como Machado de Assis, Lima Barreto, Carlos Drummond de Andrade, dentre outros. O sujeito RS também é músico e fazia parte de uma banda de rock, tocando baixo. No CCA, temos buscado desenvolver com ele muitas atividades de leitura e com música. Como não consegue mais tocar baixo, por seus limites de natureza motora, tem participado das atividades tocando instrumentos de percussão como *carron*, pandeiro etc. (BOCCATO, 2015).

<sup>24</sup> Essa ideia também é defendida, atualmente, por autores como Akhutina (2003), que se fundamenta nos postulados de Luria e de Vygotsky. Vimos buscando aprofundar essas questões no contexto das discussões do GELEP (Grupo de Estudos da Linguagem no Envelhecimento e nas Patologias), mas não será possível desenvolvê-las neste artigo.

lhes são feitas e tenta respondê-las. Observa-se que ele produz três verbos na terceira pessoa do singular, em vez de usar a primeira pessoa: *toma* (duas vezes), em vez de *tomo*; *levantou* no lugar de *levantei*, *escova* em vez de *escovei*. Quando Irn pede que ele use o verbo para reformular seu enunciado, ele produz *eu vou*. Sabendo da escolaridade de BS, Irn o convida a reformular seus enunciados utilizando-se de verbos. BS utiliza-se, também, de algumas poucas conjunções para encadear sua narrativa: *aí*, *aí depois*, mas não produz outras palavras funcionais.

Nos três dados apresentados, os sujeitos produzem enunciados telegráficos, utilizando-se de signos verbais e não-verbais. Embora sejam evidentes as suas dificuldades com as palavras funcionais, não se pode afirmar que as palavras de conteúdo sejam produzidas com facilidade. Todos os enunciados dão visibilidade ao trabalho feito por afásicos e por não-afásicos nos processos dialógicos, visando a atribuição de sentidos e a reorganização linguístico-cognitiva a partir do que resta na linguagem e não com foco naquilo que lhes falta (COUDRY, 1988).

### **Para além dos aspectos teóricos: contribuições da reflexão sobre as dificuldades para encontrar palavras para o acompanhamento terapêutico de sujeitos afásicos**

Além dos aspectos teórico-metodológicos apontados, é extremamente relevante lembrar que a pesquisa em afasia lida com sujeitos em sofrimento. Dificuldades decorrentes da “falta da palavra” tornam a fala do afásico muito laboriosa, levando-o, muitas vezes, a interromper o seu enunciado para se referir explicitamente à impossibilidade de significação: “eu sei, mas não consigo”, “tá aqui” (apontando para a cabeça ou para a língua) etc., “não vem nada”, “não sei nada”. Dependendo da severidade da afasia (sobretudo nas consideradas “não-fluentes”) e da atitude do sujeito nessas situações, há desistência ou mudança do tópico discursivo ou, em muitos casos, o abandono do turno (NOVAES-PINTO, 2012).

Os estudos sobre as dificuldades para encontrar palavras, dentre os quais destaca-se a fala telegráfica, têm sido extremamente produtivos para o desenvolvimento teórico-metodológico da Neurolinguística, além de permitir a reflexão sobre o acompanhamento terapêutico no contexto das afasias.

### **REFERÊNCIAS**

- AKHUTINA, T. V. Is agrammatism an anomaly? *Journal of Russian & East European Psychology*, v. 41, n. 3-4, p. 75-95, mai. 2003. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.2753/RPO1061-040541030475>>. Acesso em: 29 abr. 2016.
- ALAJOUANINE, T. *L'aphasie et la language pathologique*. Paris: J. B. Balliere, 1968.
- BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BALAGUER, D. R. et al. Regular and irregular morphology and its relationship with agrammatism: Evidence from two Spanish-Catalan bilinguals. *Brain and Language*, n. 91, p. 212-222, 2004.
- BERNDT, R.; CARAMAZZA, A. A redefinition of Broca's Aphasia: Implications for a Neuropsychological model of Language. *Applied Psycholinguistics*, 2, p. 225-278, 1980.

- BERNDT, R. Prefacio. In: MENN, L.; OBLER, L. K. *Agrammatism: A Cross Language Study*. New York: Academic Press, 1990.
- BOCCATO, D. *Paralexia: compreendendo o fenômeno a partir de um estudo de caso no contexto das afasias*. 2015. 10 f. Projeto (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.
- BRADLEY, D. C. Hypotheses concerning Agrammatism. In: KEAN, M. L. *Agrammatism*. New York: Academic Press, 1985.
- BROCA, P. *Perte de la parole, ramollissement chronique de destruction partielle du lobe antérieur gauche du cerveau*. Paris: Bull Soc Anthropol, 1961.
- COUDRY, M. I. *Diário de Narciso: discurso e afasia*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- DAMASIO, A. What a difference a decade makes. *Current Opinion in Neurology*, Iowa, USA: Rapid Science Publishers, n. 20. p. 177-178, 1997.
- DAMASIO, H.; GRABOWSKI, T. J.; TRANEL, D.; HICHTWA, R. D.; DAMASIO, A. R. A neural basis for lexical retrieval. *Nature*. USA, v. 380, p. 499-505, 1996.
- FRIEDERICI, A. D. Arndt Pick. In: ELING, P. *Reader in the History of Aphasia: From Franz Gall to Norman Geschwind*. Amsterdam: John Benjamins Publishers, 1994.
- GÓES, M. C. R. A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: Uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade. *Caderno Cedes*, v. 50, p. 9-25, 2000.
- GOODGLASS, H.; MENN, L. Is Agrammatism a Unitary Phenomenon? In: KEAN, M. L. (Org). *Agrammatism*. New York: Academic Press, 1985. p. 1-26.
- GREGOLIN-GUINDASTE, R. *O agramatismo: um estudo de caso em Português*. 1996. 322 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.
- \_\_\_\_\_. O Agramatismo: uma afasia de natureza sintática. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. v. 32, p. 62-71, 1997
- GRODZINSKY, Y. The syntactic characterization of Agrammatism, *Cognition*, 16, p. 99-120, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Theoretical perspectives on language deficits*. Cambridge: MIT, 1990.
- ILARI, R. *Palavras de classe fechada*. São Paulo: Contexto, 2015.
- JACKSON, H. On the nature of the duality of the brain. *Medical Press and Circular*, v. 1, p. 19-26. 1874
- JAKOBSON, R. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Editora Cultrix, 1954.
- KOLK, H.; GRUNSVEN, M.; KEISER, A. On parallelism between production and comprehension in agrammatism. In: KEAN, M. L. (Org.). *Agrammatism*. New York: Academic Press, 1985. p. 165-203.

KLEPPA, L. *Preposições ligadas a verbos na fala de uma criança em processo de aquisição de linguagem e de dois sujeitos agramáticos em processo de reconstrução de linguagem ou “Eu e você? Diferente”*. 2008. 163 f. Tese. (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

KUSSMAUL, A. *Die Storugen der sprache. Versucheiner pathologie der sprache*. Vogel. Leipzig, 1877.

LIMA, A. R. *As palavras funcionais na chamada fala telegráfica em enunciados de sujeitos afásicos*. Relatório parcial de pesquisa. FAPESP. julho/15 – junho/2016, 2016.

LURIA, A. *Pensamento e Linguagem: As últimas conferências de Luria*. São Paulo: Artmed Editora, 1986.

MENN, L.; OBLER, L. K. *Agrammatic Aphasia: A cross-language narrative study*. Amsterdam: John Benjamin Publishing Company, 1990.

MICELI, G. et al. Variation in the pattern of omissions and substitutions of grammatical morphemes in the spontaneous speech of so-called agrammatic patients. *Brain and Language*, 36, p. 447-492, 1983.

NESPOLOUS, J. L. El agramatismo en vísperas del año 2000: reflexiones y Perspectivas. In: *Neuropsychologia Latina – Sociedad Latinoamericana de Neuropsicología (SLAN)*, v. 3, p. 02-05, 1997.

NOVAES-PINTO, R. C. *Agramatismo: uma contribuição para o estudo do processamento normal da linguagem*. 1992. 160 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

\_\_\_\_\_. *A contribuição do estudo discursivo para uma análise crítica das categorias clínicas*. 1999. 271 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

\_\_\_\_\_. Agramatismo e processamento normal da linguagem. *Caderno de Estudos Linguísticos*, v. 32, p. 73-85, jan./jun. 1997.

\_\_\_\_\_. Desafios metodológicos da pesquisa em Neurolinguística no início do século XXI. *Estudos Linguísticos*, v. 40, p. 966-980, 2011.

\_\_\_\_\_. Cérebro, linguagem e funcionamento cognitivo na perspectiva sócio-histórico-cultural: inferências a partir dos estudos da afasia. *Letras Hoje*, Porto Alegre, v. 47, n. 1, p. 55-64, jan./mar. 2012a.

\_\_\_\_\_. A Social Cultural-Approach to Aphasia: Contributions from the Work Developed at a Center for Aphasic Subjects. *Latest Findings in Intellectual and Developmental Disabilities Research*. p. 219-244, 2012b.

NOVAES-PINTO, R. C.; SANTANA, A. P. Semiologia das Afasias: Uma Discussão Crítica. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 22, n. 3, p. 413-442, 2012. Disponível em <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 13 mai. 2014.

NOVAES-PINTO, R. DO C.; SOUZA-CRUZ, T. Funcionamento semântico-lexical: discussão crítica com base em dados de situações dialógicas com sujeitos afásicos. *Revista de Estudos Linguísticos*, v. 41, n. 2, p. 708-722, 2012.

OLIVEIRA, M. V. B. Aspectos teórico-metodológicos do fenômeno referido como palavras na ponta da língua (“Tip of the Tongue” phenomenon). *Revista Estudos Linguísticos*, v. 42 (2), p. 566-581, 2013.

\_\_\_\_\_. Palavras na ponta da língua: uma abordagem neurolinguística. 2015. 149 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

PICK, A. *Die agrammatischen Sprachstörungen*. Berlin: Spring, 1913.

PITRES, A. L’aphasie amnesique et ses variets cliniques. *Progress med.* 1898.

SOUZA-CRUZ, T. *Em briga de marido e mulher ninguém mete... o garfo*: Estudo neurolinguístico da produção de parafasias semânticas em sujeitos afásicos. 2013. 100 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

SOUZA-CRUZ, T. A produção de parafasias em sujeitos com afasias fluentes e não fluentes. *Estudos Linguísticos*, v. 44, n. 2, p. 853-867, 2015.

TESAK, J.; DITTMANN, J. Telegraphic Style in normal and aphasics. *Linguistics: An Interdisciplinary Journal of the Language Sciences*, v. 29, p. 1111-1137. 1991

TESAK, J. et al. Telegraphese and ellipsis in German and Finnish: A comparison. *New Departures In Contrastive Linguistics. Innsbrucker Beiträge zur Kulturwissenschaft, Anglistische Reihe*, v. 5, p. 75-83, 1992.

TESAK, J.; NIEMI, J. Telegraphese and agrammatism: A cross-linguistic study. *Aphasiology*. v. 11, p. 145-155, 1997.

THOMPSON, C. K.; BASTIAANSE, R. *Perspectives on agrammatism*. New York: Psychology Press, 2012.

TISSOT, R. J.; MOUNIN, G.; LHERMITTE, F. *Agrammatisme*. Brussels: Dessart, 1973.

TRANDEL, D. et al. Neural correlates of naming animals from their characteristic sounds. *Neuropsychology*. Elsevier Science, v. 41, p. 847-854, 2003.

TRANDEL, D. et al. Effects of noun-verb homonymy on the neural correlates of naming concrete entities and actions. *Brain and Language*, Elsevier Science, v. 92, p. 288-299, 2005a.

\_\_\_\_\_. Effects of noun-verb homonymy on the neural correlates of naming concrete entities and actions”. *Brain and Language*, v. 92, p. 288-299. 2005b.

VANDENBORRE, D.; MARIEN, P. Broca meets Wernicke in a single case. *Journal of Neurolinguistics*, v. 29, p. 17-30, 2014.

VYGOTSKY, L. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

**Recebido em:** 29/08/2016

**Aprovado em:** 01/08/2017